

“Todo juiz quer ser candeia. Acesa. Que ilumine, clareie e aqueça, faça dia ou faça noite. Capaz de fazer claro onde escuro é. Que queime e abra-se, se preciso for. Mas que jamais se apague, falte o azeite ou sobre o vento.”

Com estas palavras, ao cabo de brilhante passagem pelo soldalício mineiro, tangido pela inclemente, esdrúxula e absurda “aposentadoria compulsória”, mais forte que a garantia da vitaliciedade, José Fernandes Filho retirava solenemente de seus ombros a toga que ostentou imaculada por mais de duas décadas, de arestos luminosos e julgamentos memoráveis, nascidos de sua invulgar inteligência, assentados em vultosa cultura humanística e jurídica, e moldados na mais exemplar conduta moral e paradigmática postura ética.

José Fernandes Filho, da pequena Bambui, ainda presente na memória em sua moldura original, simples, pacata, pequena, se dimensionada pelos números frios dos censos demográficos e econômicos, mas gigante e esplendorosa, se considerada na grandeza de sua gente e de seus filhos.

Ali, criança ainda, José Fernandes deu início à “abensonhada” trajetória, às vezes cáustica, que o alçou, no dizer do saudoso Feu Rosa, ao patriarcado da magistratura brasileira; magistratura exercida em modelo de apostolado, onde a sua oração foi o trabalho e o seu lema, servir; escravo da lealdade, pregoeiro da amizade, escudeiro da coragem, sectário da verdade. Estas, e tantas outras características de que somos testemunhas, são as pegadas que o tempo imprimiu, com justeza, no roteiro de sua existência.

José Fernandes, predestinado às grandes realizações, impelido pelo culto do direito, em cujo altar soube venerar a deusa da justiça - e não outra – ainda que à custa, não raro, de sacrifícios pessoais que o marcaram com dores e com sofrimentos, a que jamais se curvou.

Peregrino, sempre presente nos momentos mais difíceis vivenciados pela sagrada instituição, de que se fez servo fiel e defensor audaz, ou por quantos abraçaram o divino ofício de julgar, nos quatro rincões brasílicos.

Cavaleiro da esperança, sem plágio a uma tradicional figura da história pátria, soube levar a todos a sua firme palavra de apoio, de aconselhamento e de conforto, iluminando, qual resplandescente cometa, os muitos dias do amanhã, transmutando, quase em milagre, nosso desespero e as incertezas em vitorioso porvir.

As comendas e as honrarias, numerosíssimas, que lhe foram outorgadas pelo exclusivo critério do merecimento, não valem pelo ouro ou pela prata em que se cunharam, nem pelas pedras e pelos diamantes que se lhes incrustaram, mas pela representação espontânea e sincera do reconhecimento e da gratidão de todos quantos as postaram em suas mãos.

Senhoras, senhores, José Fernandes, como filho orgulhoso da pública adoção, remanescente a seu lado da histórica fundação deste colégio, nascido na inspiração vaticinadora do inesquecível Odir Porto, mas edificado e engrandecido sob a batuta da sua regência, honraram-me meus pares em atribuir-me a palavra para saudá-lo nesta memorável efeméride de justíssima homenagem, tradutora dos sentimentos que morejam na alma de cada um de seus integrantes nestas duas décadas de feliz, profícua e benfazeja existência.

A inserção da palavra “permanente” no epíteto do colégio, fruto de sua fecunda ideia e veemente defesa, destinada, então, a distinguí-lo do movimento da magistratura nos episódios da constituinte, em 1987 e 1988, e da sua revisão no quinquênio subsequente à promulgação da carta, tem, para nós, seus amigos, um significado maior, porque revela também a sua constante presença na instituição. O extremado zelo com que fez germinar, crescer e se consagrar este colégio lhe garantiram alcançar a posição de que hoje desfruta e o indiscutível conceito que o exalta singular e impositivo na consagração pública hoje vivenciada.

José Fernandes, os seus méritos são ainda maiores, assentados nas qualidades pessoais a ornamentar a personalidade deste paradigma de cidadão – a simplicidade exemplar de sua vida pública e privada, embora de predicados faustosos, a amizade devotada a todos, aliada à solidariedade nos insucessos e nas vitórias, a coragem de suas ações, a firmeza de seus propósitos, a devotada dedicação à causa da justiça, e encimada agora na coordenação dos juizados especiais, abrigo dos desafortunados, dos desvalidos e dos injustiçados, última recorrência dos ansiosos pela realização da justiça.

Estes valores – e tantos outros, de exaustiva relação – colocam nosso homenageado no panteão dos grandes coestaduanos, ao lado de Tiradentes, de Lafaiete, de Juscelino, de ~~Antônio~~ <sup>Drummond</sup> Carlos, de Chico Xavier, seu amigo, e de tantos outros, anônimos ou constantes das lindas páginas da história das Minas Gerais.

*Co. Anchieta  
de Guimarães  
Rosa*

As adversidades reservadas pelo destino a cada um de nós jamais o desencorajaram, como afirmado na exaltação proferida por Moniz Sodré:

“A adversidade é uma forja em que se retempera o caráter dos lutadores, se revigoram as fibras da combatividade, dando a firmeza de ânimo, a independência da ação, a consciência de suas próprias possibilidades que constituem o apanágio moral dos homens superiores, em que se esteiam os povos, senhores do seu destino e certos do seu porvir.”

E José Fernandes pode, ainda com Moniz Sodré, concluir, sobre si mesmo:

“Nunca me senti comigo mesmo mais satisfeito, com a consciência tão iluminada pela certeza de que tenho sabido e saberei cumprir digna e intrepidamente o meu dever.

O homem entra na luta, menos para conquistar a vitória do que para defender as suas convicções e não trair seus ideais.”

O colégio, na unanimidade de sua composição atual, reverencia José Fernandes e o homenageia ao lado de sua infável Meire, partícipe dos louros de sua vida vitoriosa e deste preito de reconhecimento, que, em sua doçura, simboliza o respeito e o carinho de quantos contam com a marcante ventura de conhecê-los.

José Fernandes, nem pelo repouso merecido, nem à força de qualquer outro motivo de dimensão humana, pode se ausentar do Colégio, palácio sede de suas ações, de seus aconselhamentos, da direção dos destinos da magistratura estadual brasileira. José Fernandes continua no colégio, como o colégio se perpetua no seu coração. A sua presença avaliza a conquista das nossas aspirações. José Fernandes, aqui é seu lugar. Aqui seu coração se exalta de amor e sua alma se consagra e se compraz no companheirismo e na promoção humana.

A sua candeia, José Fernandes, jamais esteve apagada, jamais lhe faltara azeite e não houve vento que extinguísse a sua chama, sempre ardente e iluminando, fazendo claro onde escuro é.

Permita, finalmente, concluir esta oração repetindo as suas palavras de despedida da cátedra de julgador:

“Passado o tempo, encanecidos os cabelos, as mãos permanecem vazias. Mas apenas de bens materiais, porque ricas de virtudes que, em dom de gratuidade, escorreram de outras mãos – dos mais velhos – alcançando as minhas, trãsidas, desde então, do fascínio ínsito na maneira de ser da gente desta terra, de montanhas e campanários.

Olhando para trás, experimento, pacificado e sem falsa modéstia, o sentimento de não ter o medo ou remorso, porque sustentado, permanentemente, pela pregação dos que construíram a história de um Poder que jamais se curvou.

A toga, como o cajado do visionário peregrino, pode estar gasta, tinta de suor, com gosto de sal – que as lágrimas também destilam.

Os ombros que a envergaram, ou os músculos que naquele se apoiaram, podem estar cansados, próximos da exaustão.

A pequena candeia acesa, que abrasa e queima, e a luz interior, que aquece o caminhante de Compostela, aí estão, uma e outra, materializadas na utopia de quem, na dicção do Poeta, só tem duas mãos, mas quer abraçar o mundo.”

Por isto, respeitosos, todos estamos, sob rendição dos sentimentos da amizade, da gratidão e da justiça, a abraçá-lo e a dizer-lhe do íntimo dos corações:

Zé, muito obrigado!